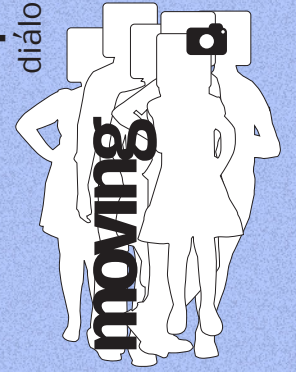


## **1 questão de espaço**

diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público





UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

**Relatório do Projecto/Dissertação**

***moving 1* Questão de Espaço**

diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público

Célia Maria Fernandes Palma (nº 36205)

Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes - Especialização em Estudos da Imagem

Projecto orientado por Drª Mirian Tavares e Drª Gabriela Borges

Março de 2011

O relatório não se encontra escrito segundo o novo acordo ortográfico.

**Agradecimentos:**

À professora Mirian Tavares e professora Gabriela Borges, orientadoras deste projecto/ dissertação.

**Titulo:** *moving* 1Questão de Espaço - diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público

**Palavras-chave:** arte pública, *site-specific art*, arte relacional, intervenção artística, cidade e público

## Resumo

No século XX, a arte afirma-se como um território de contestação, de experimentação e de transgressão dos limites, reflectindo diferentes identidades, referências e valores estéticos. A arte pública tenta promover a criação de lugares, que nascem de projectos e intervenções multi e/ou interdisciplinares, integra-os e instaura-os enquanto tal.

A criação artística que proponho caracteriza essa experimentação, expondo-se ao público numa relação de proximidade e diálogo. Consiste na construção do diálogo onde o público transeunte se torna o interveniente no próprio espaço - o espaço urbano da cidade como palco - permitindo a evasão para a cidade criativa.

O transeunte é, cada vez mais, indiferente perante as mensagens diárias que encontra na rua, “*moving*, 1Questão de Espaço” cria a possibilidade de interagir e chama a atenção para o cenário da cidade, ao (re)ver o espaço por onde circula diariamente, com auxílio de vários interfaces, o olhar, seguidamente o uso do enquadramento fotográfico, ao captar o seu registo individual e personalizado para posteriormente ser visto *online*, onde poderá ser (re)visitado.

Em que consiste? A prática artística é composta por seis figuras distribuídas na envolvente do centro histórico da cidade de Faro, silhuetas humanas em tamanho real que criam uma aproximação através das suas formas. A forma humana cola-as no espaço da cidade como se fossem mais um corpo, que compõe a paisagem. A forma cúbica (cabeça) cria a alusão aos interfaces/ ecrãs que nos rodeiam, e que se transformam na janela - olhar e mensagem. O público verá o espaço novamente através do uso do interface, assim assistimos a diferentes percepções do mesmo espaço.

**Title:** moving 1question of space - the artistic intervention site-specific in dialogue with the city and public

**Keywords:** public art, site-specific art, relational art, artistic intervention, city and public

### **Abstract**

In the 20th century, art appeared as a protesting territory of experimentation and transgression of the limits, reflecting different identities, references and aesthetic values. The public art try to promote the creation of sites that are the result of projects and multi and inter-disciplinary intervention, integrating and installing them.

The proposed artistic creation characterizes this experimentation, exposed to the public in a relationship of proximity and dialogue. It consists on the dialogue construction where the public becomes part of the space - urban space of the city as a stage - enabling the evasion to the creative city.

The passenger is, more and more, indifferent to daily messages present in the streets. "moving, 1 Space Question" creates the possibility of interaction and appeals for the city scenario, by (re) viewing the space daily used through various interfaces, the look, the photographic frame by capturing of individual and personal record to be posteriorly seen online, where it can be (re) visited.

What is it? The artistic part is composed by six figures distributed around the historical centre of the city of Faro. Human figures in real size that create an approximation through their forms. Their human form paste them on the city space as they are one more body that is part of the site-seeing. The cubic form (head) alludes to interfaces/screens that surround us and transform in the window - look and message. The public will see the space again by interface, this way experience different perceptions of the same space.

# ÍNDICE

Introdução (p.08)

## I PARTE

### 1. Contextualização da Intervenção Artística (p.10)

1.1 Arte Pública (p.10)

1.2 *Site-Specific Art* (p.15)

1.3 Arte Relacional (p.17)

1.4 O diálogo da cidade com o público (p.18)

1.4.1 A relação: cidade/público (p.21)

1.5 O diálogo da obra com o público (p.22)

1.5.1 A relação: obra/público (p.22)

## II PARTE

### 2. Trabalho Criativo (p.24)

2.1 Outros projectos - análise do processo criativo (p.24)

2.2 Espaço de diálogo cidade-público: Identificação e Interpretação (p.39)

2.3 Mapeamento da cidade (p.40)

## III PARTE

### 3. O Projecto (p.43)

3.1 Apresentação do projecto (p.43)

3.1.1 A Intervenção (p.44)

3.2 Estratégia de comunicação (p.45)

### Conclusão (p.47)

Resultado da prática artística (p.47)

Conclusão (p.52)

### Referências bibliográficas (p.54)

### Anexos (p.57)

## Introdução

De que forma a intervenção artística interfere com o modo de (re)ver a cidade. **Como criar um diálogo com o espaço público?**

Com o presente projecto pretendo demonstrar que é necessário apostar nas intervenções artísticas, de modo a preencher os lugares “adormecidos” da cidade. Tal como, sensibilizar o público a (re)visitar os espaços, como o interveniente mais importante, na criação do diálogo criativo.

Como ponto de partida para iniciar o estudo do projecto de intervenção artística e forma de contextualização, proponho a análise da arte no espaço público - arte pública, transportando-a para o surgimento da concepção *site-specific*, num diálogo inter-relacional com a cidade e o espectador.

A fundamentação teórica do trabalho traça um breve percurso sobre o conceito da “arte pública” e da nova relação com a obra, espectador e espaço, exercida pelas influências artísticas ao longo do século XX, desde a Escultura, que abandona as antigas convenções de monumento comemorativo, ao Muralismo como expressão activista de função política-social ao aproximar-se do público. O Minimalismo, que torna o espaço um factor determinante para as criações artísticas, introduz a temática do quotidiano, assim o público deixa de ser apenas o espectador e passa a parte integrante da obra. O Conceptualismo dá um novo sentido à linguagem da obra de arte privilegiando as ideias e o sentido estético passa para segundo plano. Com estes novos conceitos de linguagem artística surgem as Instalações, apropriam-se do espaço público e transformam-se ao dar origem a intervenções mais experimentais, como apresentarei no projecto intitulado *moving 1* Questão de Espaço - diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público, no conceito de *site-specific art* aliando-o à prática da arte relacional.

A investigação apresenta uma forma de pensar a intervenção artística e o próprio conceito de lugar na cidade, revisitando-o. Insere-se no estudo sobre a visibilidade e as suas transformações, questiona a vivência urbana e as suas relações com a prática artística. Assim, a proposta de intervenção *site-specific* pretende assumir uma mudança entre a obra, espaço/cidade e o público/espectador. Tal como criar, revelar, e redefinir a nossa relação com os lugares.

O espectador a que me refiro ao longo do projecto como parte integrante do diálogo, corresponde ao público que se movimenta no espaço da cidade, que se desloca de um local para o outro, que percorre as ruas da mesma, ou seja,

o turista, o observador, o transeunte em analogia ao *flaneur* de Baudelaire.

Também o termo “espaço” aplica-se ao lugar público, onde se realiza a acção/ intervenção artística. Sem querer entrar na desmistificação do significado de “lugar” e “espaço”, passo a citar Marta Traquino na sua reflexão, “Os lugares destacam-se no Espaço enquanto superfície pela incidência da marca humana através do tempo. Podemos, então dizer, que o Lugar é constituído pela adição de memória ao espaço.[...]” (TRAQUINO, 2010, p.57)

Como reflexão da investigação apresentarei os resultados da relação e interacção da obra - cidade - público, através da recolha dos registos gráficos e fotográficos, os quais são expostos no blog: **[www.moving-project.blogspot.com/](http://www.moving-project.blogspot.com/)**.

O resultado prático da intervenção tem como finalidade captar a atenção do espectador, incorporá-lo na relação da obra com a cidade e mostrar-lhe um novo modo de ver o espaço da cidade. Os resultados são demonstrados a partir da análise no local de actuação (envolvente do centro histórico da cidade de Faro) que tem como objectivo aproximar o público transeunte ao lugar específico, (re)visitando-o e (re)vendo-o em simultâneo com a exposição dos registos fotográficos *online*.

# I PARTE

## 1. Contextualização da Intervenção Artística

As cidades tornaram-se num lugar de redefinição, na relação da arte com a sociedade, que a partir da intensificação da “arte fora do museu” funde progressivamente o contexto social e integra-o no espaço público, espaço esse que se transforma na própria obra de arte. Na aproximação com a cidade, a arte redefine-se fora dos limites do espaço do museu através de conceitos presentes na arte contemporânea como o de “arte relacional”, o qual abordarei adiante, mas antes passo a introduzir o conceito de “arte pública” como novo sentido da prática artística.

### 1.1 Arte Pública

Como consequência ao enquadramento do projecto, é necessário fazer a relação do conceito de arte pública aplicado ao novo tipo de intervenção artística, esta que se encontra em constante auto-reformulação na história da Arte. Este conceito, um tanto ambíguo, gerou algumas controvérsias pela sua constante transformação.

[...] Em grego, «público» queria dizer, em primeiro lugar, exposto aos olhares da comunidade, ao seu juízo e à sua aprovação. O espaço público é o espaço cívico do bem comum, por contraposição ao espaço privado dos interesses particulares. (INNERARITY. 2006, p.107)

A definição de arte pública como sentido corrente do conceito refere-se à arte realizada fora dos espaços tradicionais como museus e galerias, ocupa os espaços públicos de circulação da cidade, onde o público se converte no espectador. Através da ocupação do espaço, o espectador deixa de ser o observador distante e torna-se parte integrante do projecto artístico, aproximando assim a obra de arte do público, e o artista deixa a sua expressão individual para a partilhar com o público. É uma arte acessível que modifica a paisagem envolvente de modo permanente ou temporário.

Após a revolução Industrial, no século XX, assistimos a uma aceleração do ritmo de vida e de modificações da estrutura física das cidades que transformam o espaço urbano em cenários que estabelecem novas relações espaciais e sociais.

[...] Desde o princípio do século XX que diversos artistas como Rodin, Brancusi e Picasso realizaram obras de grande modernidade, que rivalizaram com a linguagem da escultura monumental. Na realidade, muitos dos elementos

que caracterizavam esta linguagem - o pedestal, a verticalidade, a figuração - tornaram-se obsoletos à medida que surgiam os novos movimentos da vanguarda. (REGATÃO. 2010, p.11)

As novas experiências foram influenciadas pelos movimentos artísticos no início do século XX, com as vanguardas europeias: Fauvistas e Cubistas, surge o mural com características expressionistas e abstractas, mas é no México que toma uma maior dimensão e influência, ressurgindo a pintura mural, e com ela o movimento do Muralismo Mexicano que surge após a revolução mexicana em 1910. A técnica utilizada consistia numa pintura feita sobre paredes que explorava essencialmente o carácter plano da mesma, de forma realista e de carácter monumental. No mural os artistas viram uma arte colectiva acessível e próxima do povo, que se apodera do espaço como forma de expressão de ideias com cariz social e popular. Muitos artistas inspiravam-se em temáticas como as antigas culturas *maia* e *asteca*, no folclore mexicano do período colonial, tal como no retrato da revolução, onde interpretavam a história mexicana a partir da luta contra a opressão. Com Diego Rivera, José Orozco e David Siqueiros (pintores muralistas) foi criado o movimento Muralista Mexicano que pretendia chamar a atenção do povo para os problemas da ditadura e da exploração capitalista norte-americana, pintando a história do México enaltecendo as suas origens indígenas até a época da revolução.



Murais de Diego Rivera. National Palace, Mexico.

Nos EUA, seguindo os passos do Muralismo surge a arte do New Deal, “produção artística financiada oficialmente durante o governo do presidente Franklin D. Roosevelt (1933 - 1945) [...]”, assim

O governo institui em 1933 o *Public Works of Art Project*, extinto no ano seguinte, com a função de recrutar artistas para decorar os prédios públicos [...]. Em 1935, a recém-criada *Works Progress Administration (WPA)* sustenta o programa de decoração de pequenos prédios federais, chamado *Treasury Relief Art Project*; e é elaborado o maior programa público de financiamento de arte e artistas do *New Deal*, o *Federal Art Project*, agência sob controle da WPA. [...]<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Disponível em: <[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=401](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=401)> acesso em Novembro 2010

A ideia seria através da arte promover um programa de reformas para conter a depressão econômica e recuperar a confiança na economia americana, tal como minimizar o desemprego no meio artístico, onde o artista passa a ser visto como “artista-cidadão” que contribui para a construção de uma imagem positiva do país. Assim “[...] o artista é capaz de criar uma espécie de realismo democrático, em perfeita harmonia com as práticas do governo”.

Na Europa a arte do Muralismo junta-se aos movimentos de carácter revolucionário.

Nos anos 50, com o fim da 2ª Guerra Mundial e a devastação de muitas cidades europeias há um maior desenvolvimento da arte moderna no espaço urbano. Foram demolidos em massa vários monumentos ligados às ideologias políticas e surgem novas construções urbanas. A partir deste momento verificámos o abandono da função histórica e comemorativa do monumento, com origem na antiguidade como escultura pública, política e decorativa, e a introdução de uma nova concepção no espaço urbano.

Segundo Regatão, assistimos ao abandono das instituições.

A partir dos anos 60 os artistas sentiram-se mais atraídos a trabalhar fora dos espaços convencionais da arte - museus e galerias -, porque o espaço exterior reunia um conjunto de características mais estimulantes para a criação artística. [...] Na realidade, os artistas pretendiam afastar-se da concepção moderna do museu, enquanto espaço de depósito de obras de arte. [...] O espaço público, ao contrário do museu, oferecia uma aproximação ao mundo real, estabelecendo um maior contacto com o público e permitindo a introdução da obra de arte em contextos mais diversificados. A oportunidade de trabalhar em grande escala seria também um dos principais motivos que levaria alguns artistas a abandonar o espaço das instituições. [...] (REGATÃO, 2010, p.68)

Através da promoção e colocação das peças de arte moderna fora dos museus e galerias; a fomentação do contacto com o público; o rompimento das concepções clássicas da escultura monumental e da apropriação do espaço, os artistas começaram a interessar-se por estes espaços não convencionais explorando-os para as suas intervenções artísticas - o espaço da cidade tornou-se assim um local para a experimentação artística, influenciando o desenvolvimento da arte pública.

Conforme Caieiro, “[...] arte pública será assim uma forma de conhecimento da cidade, considerando o espaço público na sua dimensão desenhada, mas igualmente imaterial, de experienciação do real no quotidiano [...]” (CAIEIRO, 2008, p.20)

As cidades são cada vez mais esse espaço de reafirmação do quotidiano, sob múltiplas formas e pressupõem uma ideia de partilha de informação. A arte pública vem assim contribuir para a regeneração urbana provocada pelas

constantes revoluções do “modernismo”.

Nos anos 60, a arte pública em expansão surge de forma a caracterizar um novo tipo de linguagem, e com o Minimalismo surge a redução da escultura a formas geométricas elementares, que tem como influência e referência importante o *ready-made* de Duchamp, o urinol intitulado *Fonte* (1917), que mostrou que um objecto produzido industrialmente podia converter-se numa obra de arte e deixar que o espectador o reconhecesse como tal, e formulasse o seu próprio significado. A influência do trabalho dos minimalistas mostra dois aspectos importantes: a relação com o espectador na concepção da obra e a ideia de que o espaço envolvente é determinante para a percepção da mesma. As obras passam a ser criadas em função do público e baseadas na sua percepção sensorial gerando uma nova dinâmica na acção com o espectador. Introduzem o quotidiano e a contextualização física e cultural, temáticas que rompem com o triunfalismo dos factos históricos e originam um conceito mais específico da arte pública designado por *new genre public art*. Os artistas vão assim aproximar-se do mundo real e têm um maior contacto com o público.

Também a arte Conceptual foi decisiva para a construção do novo sentido da linguagem das obras, com ela o material reduz-se à linguagem; a ideia antecipa a criação; privilegia as ideias, processos e conceitos que colocam a obra como objecto artístico e estético em segundo plano.

Este novo conceito de linguagem artística abrange a realização de performances, instalações em monumentos e praças, intervenções, revitalização de espaços degradados, apropriação ecológica, etc.. O espaço das cidades é agora explorado pela arte pública na renovação dos centros urbanos que se tornam um desafio para responder às necessidades do espaço, como por exemplo, a instalação permanente de Daniel Buren, com as suas colunas, pilares em mármore branco e negro, instaladas em frente do *Palais Royal*, em Paris .



Instalação permanente de Daniel Buren (1939). *Palais Royal*, Paris.

A Instalação surgiu na década de sessenta do século XX e constituiu uma forma encontrada pelos artistas de possibilitarem ao observador um envolvimento total na obra. Inverteu os princípios da escultura, que é concebida para ser vista de fora, ou seja, com um público específico que contraria essa ordem. Mas foi na década de noventa que ressurgiu, com métodos artísticos, relacionais e contextuais, que trabalham em conjunto com o lugar. Podemos defini-la então como uma “[...] linguagem ou manifestação artística onde a obra pode ser composta de elementos variados, em formatos e escala diversos, organizados em ambiente aberto ou fechado”.<sup>2</sup>

A Instalação está relacionada com diversos movimentos artísticos, exemplo do Minimalismo e Conceptualismo já referidos, *video art*, *performance*, que têm na sua origem características como *site-specificity* (sítio-especificidade), temporalidade ou efemeridade e converte-se na passagem do museu para a cidade como resultado das novas linguagens artísticas.

Surge assim uma nova relação de proximidade entre a obra, o espectador e o espaço que foi denominado como *site-specific art*, uma arte criada para um lugar na qual contribuiriam as múltiplas relações com o espaço físico e histórico. Surge um novo olhar do artista perante o espaço que cria uma nova percepção, um novo território para as intervenções plásticas, e movimentos que vieram impulsionar o desenvolvimento da arte pública.

Em 1969 as noções de arte Ambiental/ *Land Art* levam as propostas artísticas à transposição dos limites com trabalhos em grandes escalas, apesar de decorrerem maioritariamente fora dos centros urbanos. Esta expansão da obra resulta na construção de poéticas na paisagem para chamar a atenção em relação ao ambiente e para se tornar numa forma de sustentabilidade das cidades perante a regeneração urbana e o planeamento ambiental.

Miwon Kwon (apud Regatão, 2010, p.63):

[...] considera que a adaptação do conceito *site-specific* ao domínio da arte pública foi mesmo a única forma de romper definitivamente com a influência da escultura do pedestal, traçando, assim, um novo campo de relações com o espaço e o público. [...]

As obras passam a ser criadas em função do espaço numa relação entre a obra e espaço físico - *site specific* - onde a paisagem é entendida como cenário de fundo e também como transformação na própria génese da obra. Os artistas tentam tirar partido de um conjunto de valores transmitidos pela natureza, como o primitivismo e a espiritualidade da paisagem.

No desenvolvimento de actuações estéticas de arte pública, que encontram como espaço de implantação o lugar, o “não-lugar” ou o sistema de lugares,

<sup>2</sup>Disponível em: <www.itaucultural.org.br> acesso em Novembro 2010

deparamo-nos com activismo artístico, que assume e reflecte nos seus conteúdos e conceitos, temáticas e/ou problemáticas de relacionamento com o domínio público em questões sociais e políticas à margem das concepções do *site-specific art*.

A partir de 1980 a arte efémera começa a ocupar o espaço das cidades e institui-se sob a forma de acção e experiência, sendo um dos tipos mais usados por artistas que defendem a arte de carácter activista. ETHEL (2010, p.132) refere, “brincar em espaços públicos é quebrar as regras, é invadir as emoções pessoais e sensibilidades de alguém sobre o que deveria ser, de outro modo, anónimo, funcional e aborrecimento quotidiano.” Resulta na criação de significados, muitas vezes em forma de provocação do contexto social e político.

A partir do encadeamento histórico traçado sobre a arte pública e as suas diversas interpretações até a concepção de *site-specific*, o estudo prossegue com a analogia do mesmo face às novas experiências artísticas da percepção do espaço, que possibilitam o desenvolvimento de relações inter-humanas, entre o espectador e a cidade.

## **1.2 Site-specific Art**

Podemos definir *site-specific* como um espaço determinado, no qual as obras ou intervenções artísticas são planeadas de acordo com o ambiente, em que os seus elementos esculturais dialogam com o meio envolvente. A aproximação do exterior como espaço artístico contribuiu para a promoção das instalações *site-specific*, que implicam o espaço tal como a presença do espectador na obra, transformando-o na razão da sua existência.

Nomes como Richard Serra ou Javacheff Christo pertencem ao movimento que propôs uma nova concepção da escultura ou intervenção, onde a experiência ultrapassa o objecto artístico através do conceito de *site-specific art*.

Richard Serra apresenta a sua obra *Tilted Arc*, polémica, pois para alguns esta era um obstáculo visual e físico, bloqueava e condicionava a circulação das pessoas na praça. A obra é composta por uma placa de aço, com 36 metros de comprimento e 3,6 metros de altura, com uma ligeira curvatura no seu interior, provocando uma pequena inclinação. Richard Serra desafiou assim as características do espaço urbano ao determinar o movimento de circulação das pessoas já que se encontrava em oposição ao trajecto do transeunte.

Javacheff Christo, (muitas das suas obras foram criadas em parceria com

sua mulher Jeanne-Claude), artista plástico conhecido pelas grandiosas intervenções, por modificar um objecto, paisagem ou monumento como foi o caso do “embrulhamento” do prédio do parlamento alemão - *Wrapped Reichstage*, em Berlim.



*Tilted Arc* (1981) de Richard Serra.



Parlamento Alemão *Wrapped Reichstage* (1993) de Javacheff Christo. Berlim.

As intervenções de arte no espaço urbano podem incluir todo o tipo de propostas e objectos artísticos mesmo que sejam somente temporais, o objectivo inicial é a necessidade das pessoas, ou seja, do público específico que habita a cidade. Existe uma necessidade de transpor as barreiras culturais, políticas e económicas que as separam, e inventar novas formas de representação, e ao mesmo tempo interrogar a qualidade da vida social, interpretando as práticas realizadas na cidade.

Podemos assim projectar com carácter experimental, transpor os limites do permanente para o efémero, entrar no campo da arte pública efémera que nos confere uma maior liberdade criativa, onde é possível testar as mais variadas técnicas de expressão visual e estabelecer novas formas de comunicação com o público.

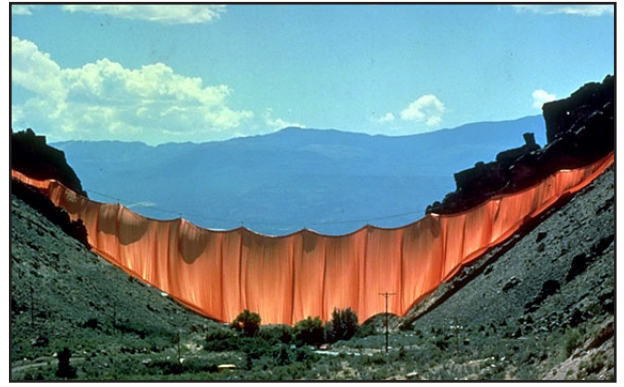
Como por exemplo a obra de Christo e Jeanne-Claude, uma das referências da arte pública efémera em grande escala do século XX.

[...] Quando os artistas cobriram o Monumento dedicado a Leonardo na Piazza della Scala, em Milão, rodearam as ilhas de Miami com tecido cor-de-rosa, ou instalaram uma enorme cortina com mais de 4 quilómetros por toda a região do Colorado, Christo e Jeanne-Claude jogaram com vários elementos fundamentais da Arte Pública Efémera: o aspecto monumental e cenográfico das intervenções, e principalmente o carácter não repetitivo das obras. [...] (REGATÃO, 2010, p.115).

As suas obras têm como objectivo a estética, a transformação de formas anteriormente conhecidas no estranho e misterioso da envolvimento artística.



Ilhas Contornadas (1980-83) de Jeanne-Claude Christo. Miami.



Valley Curtain (1970-72) de Jeanne-Claude Christo. Rifle, Colorado.

Ao falarmos de interacção com o público, a criação do diálogo entre público e obra, chegamos ao campo da arte relacional, onde várias foram as influências na aproximação da arte à vida ou à realidade social, as quais originaram o conceito que será tratado no próximo subcapítulo.

### 1.3 Arte Relacional

É a arte das experiências e a construção de significados com a participação do público, onde a intervenção artística pretende a prática relacional ou a intenção de que o público interaja com a obra.

A “Arte social”, teoria defendida por Beuys, aproximava a arte da vida, exaltando o que há de criativo e provocador em simples gestos humanos. Considerado um activista, foi um dos pioneiros do movimento ambientalista alemão e teve uma participação activa na vida política. Associou-se ao movimento *Fluxus* como um dos membros mais significativos e a sua obra tornou-se cada vez mais motivada pela crença de que a arte deve desempenhar um papel activo na sociedade. Um dos seus projectos *Das Kapital Raum* (fóruns que levaram a debates participados e a decisões assumidas em democracia directa) caracterizado por acções em vários locais de intervenção, teve em vista a transformação da vida cultural e urbana. Esta exposição contém múltiplas mensagens, com materiais e instalações simples e pretendeu provocar interpretações simbólicas e culturais singulares. Beuys defende a “arte social” como movimento, metamorfose e vida. “Toda a pessoa é um artista” e para ele o processo e a experiência são mais importantes que o produto estético final.<sup>3</sup>

A partir da década de 90 surge o conceito de “Estética Relacional”, teoria elaborada por Nicolas Bourriaud, que é definida como plataforma estética e método crítico com base na sensibilidade, na preocupação com as relações humanas e do artista com o seu público.

<sup>3</sup>Disponível em: <[www.cyberartes.com.br/artigo/?i=1898&m=](http://www.cyberartes.com.br/artigo/?i=1898&m=)> acesso em: 30 novembro de 2010

Nicolas Bourriaud, curador e crítico de arte francês, no seu conjunto de ensaios *Estética Relacional* refere que a arte de hoje nos obriga a pensar de maneira diferente as relações entre o espaço e o tempo através de outra originalidade. As obras já não têm como meta formar realidades imaginárias ou utópicas, mas modos de existência ou modelos de acção, dentro do real que já existe. Assistimos ao prolongamento da prática da *bricolage* e da reciclagem cultural, na invenção do quotidiano e na organização do tempo, a obra tem uma duração baseada na experimentação. Afirma que a “arte é um estado de encontro” (2001, p.13-17). Defende a estética do encontro, que poderá ser entendida na relação espaço - espectador quando estabelecem um diálogo comum. O qual se torna no processo inter-humano que conduz ao resultado construtivo das imagens durante a experiência, completando a intervenção artística.

Bourriaud é inspirado pelo situacionismo (1957-1972), movimento europeu de crítica social, cultural e política, onde foram desenvolvidos alguns conceitos relativos ao espaço urbano, teorias que convidavam as pessoas a estabelecerem relações subjectivas e inusitadas com a cidade. Os situacionistas formularam uma crítica urbana em que o espaço público - zona de acção situacionista - se tornou num campo de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia da vida quotidiana. Crítica que podemos transpor para a actualidade através da proximidade da cidade com o público.

#### **1.4 O diálogo da cidade com o público**

A junção entre arte e meio urbano, com o fim de manifestar ideias e insatisfações frente aos problemas políticos e sociais e ao próprio mercado de arte, faz surgir novas reflexões através de novos projectos artísticos. A cidade torna-se assim, no palco das expressões sociais, um lugar privilegiado para a arte, a própria obra de arte como refere Peixoto na reflexão ao projecto Arte/Cidade (projecto de intervenções urbanas realizado em São Paulo, dedicado a estabelecer visões e mapas renovados da metrópole por meio de “intervenções urbanas”). Verificamos, cada vez mais, uma atitude intervencionista nas propostas artísticas que tentam explorar a instabilidade e as contradições da sociedade actual. O espaço público pode ser visto como um espaço ruidoso dominado pela saturação de códigos e factores interdependentes da comunidade, que tornam necessário mudar a atitude de carácter discriminatório e intolerante. “[...] Cidades feitas de fluxos, em trânsito permanente, sistemas de interface [...]. Horizontes de pedra, onde o mais moderno convive com a decadência, o futuro com a antiguidade [...]” (PEIXOTO. 2003, p.13)

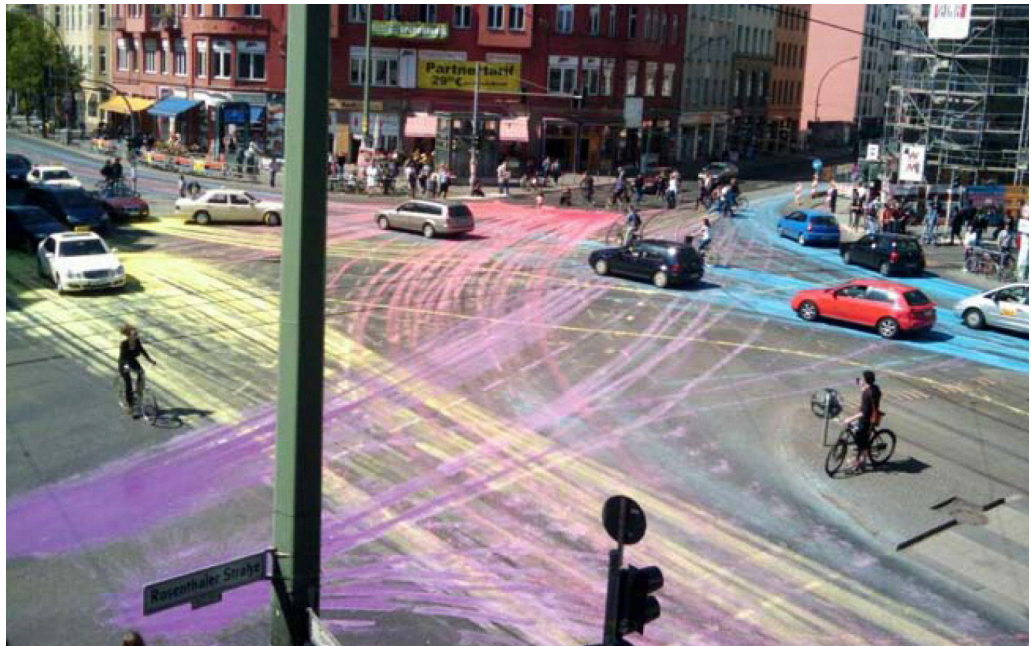
No espaço urbano, a prática artística promove a acção de realizar uma crítica, consciencializar o público na formação de conexões sociais, obter tempo e espaço na informação, na publicidade e na sua distribuição urbana. Referindo Peixoto, “[...] a relação entre arte e cidade: trata-se de despertar a experiência do mundo de que toda a arte é expressão [...]. A função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana. [...]” (PEIXOTO. 2003, p.14-15).

A construção das novas imagens da cidade, de uma realidade estética e cultural, que o espectador nem sempre consegue ver, estimula a necessidade de intervir, capturar novas imagens dando-lhe um novo rosto.

Mas como fazer o olhar recuperar a paisagem? As intervenções frequentam os limites do visível, o olhar perante o qual a cidade é observada. Muitas propostas têm intenções puramente intervencionistas: trabalhos em espaços específicos, em lugares por vezes inacessíveis tal como janelas, supermercados ou ruas. Como por exemplo o caso da intervenção realizada no centro da cidade de Berlim “Arte attack”, em que um cruzamento se transformou em obra de arte urbana, onde os carros foram os pincéis.

[...] Rosenthaler Platz ganhou traços de arte pública com as pinceladas que nasceram de um movimento de guerrilha criativa. A obra anónima e rebelde largou litros de tintas coloridas na esquina da área mais *cool* da cidade. Um grafitti gigante com direito a panfletos pregados pela praça alegando que as tintas eram, laváveis, biodegradáveis e orgânicas. [...] A história é que alguns ciclistas despejaram tudo em frente aos carros que esperavam no semáforo, e querendo ou não, os motoristas tornaram-se criadores da obra sem nome, que pode ser um fantástico trabalho colectivo ou uma ideia de marketing ainda não reclamada. <sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://revistacriativa.globo.com/Revista/Criativa/o,,EMI138447-17356,00-ART E+PUBLICA+DE+GUERRILHA+PINTA+BERLIM.html>> acesso em: janeiro de 2011.



Arte attack. Rosenthaler Platz, Berlin.

#### 1.4.1 A relação: cidade e público

As cidades contemporâneas são complexas na sua estrutura e função, tornaram-se fragmentos de “não-lugares”, espaços anónimos e vazios de significado. A sua estrutura estética é composta por um conjunto de colagens, onde as imagens e citações de publicidade formam a paisagem visual vista pelo público.

A importância desta paixão da cidade moderna e das multidões é a de que ela permite ao artista encontrar beleza e harmonia onde se poderia ver apenas o caos, desumanização, ou a própria impossibilidade de prosseguir ainda uma experiência humana [...] (BAUDELAIRE. 2006, p.79)

Ao construir a cidade como obra de arte necessitamos de pensar o espaço público como morada social, corpo colectivo e lugar de acolhimento da multiplicidade de expressões culturais. Citando Innerarity, “[...] a cidade é um conjunto de desconhecidos, o espaço onde é uma rotina encontrar pessoas desconhecidas e em que a proximidade física coexiste com a distância social.” (2006, p.110). O público habita o corpo da cidade. Os edifícios, os monumentos, as intervenções contribuem para a formação desse corpo social, com carácter de lugar.

“Os monumentos são como mapas: traçam inexoravelmente o perfil da cidade [...], que reduzem suas espessas camadas de vida a signos [...], eles excluem o não dito, o invisível, da cidade.” (PEIXOTO. 2003, p.31)

Cada um vê a cidade ao seu modo, segundo o seu estado de espírito, atravessamos lugares familiares, ruas, espaços que já conhecemos, o que chamamos de espaço público, composto de múltiplos lugares particulares que se ligam por linhas, compõem-se em trajectórias e desenham uma rede de traços temporais que organizam a cidade. O actual espaço público “[...] são as vias de trânsito: meros lugares de passagem, simples instrumentos da deslocação.” (INNERARITY. 2006, p.136)

O transeunte das novas cidades talvez não se aproxime do *flâneur* de Baudelaire, termo usado para caracterizar o tipo de observação que o autor admira no pintor parisiense, aquele que se move pela cidade como se fosse um estranho, que percorria Paris do século XIX disposto a descobrir as imagens ocultas da cidade, conhecer os seus símbolos secretos, descobrir as mensagens gravadas em pedra talhada ou desfrutar das esculturas e suas silhuetas.

Segundo Teresa Cruz, no posfácio do livro “O pintor da vida moderna”, o artista para Baudelaire, converte-se no herói que perante a cidade tem a tarefa de a resgatar,

[...] numa tarefa que é simultaneamente estética e ética, e ainda que à custa dos sucessivos *shocks* a que a vida urbana nos expõe, a possibilidade de uma experiência moderna. O modo de relacionamento do artista com a multidão é o fenómeno que exprime, em Baudelaire, este novo heroísmo. É o heroísmo do *flâneur*, daquele que passeia por entre a multidão, que vagueia ao acaso, que se distingue nela por não ter destino, nem ocupação, e se funde ao mesmo tempo nela por assimilar, neste movimento, todas as destinações e fazer disso a sua ocupação.” (BAUDELAIRE. 2006, p.80)

Referindo Peixoto (2003, p.100), o “flâneur aponta para os limites do realismo do século XIX”, a combinação do olhar daquele que passeia com a observação atenta, “vê a cidade ampla como uma paisagem e fechada como um quarto: instaura um modo complexo de visão, construído através de sobreposições ou sequências de diferentes formas de espaço, de descrições e imagens”.

Hoje, os espaços das cidades, partindo das transformações contemporâneas, fragmentam-se, são revelados através de telas e interfaces, as imagens tornaram-se mais visíveis do que a realidade, a acção de andar na cidade ou a possibilidade de um simples clicar numa página web transforma-se numa forma de *flanar*, o espectador tem a possibilidade de viajar pelo mundo fora envolvendo-se em imagens sem fim. Peixoto fala-nos do olhar contemporâneo como: “[...] um observador ambulante, formado pela convergência de novos espaços urbanos, tecnologias e imagens” (2003, p.97).

As intervenções artísticas fazem surgir esse novo interface perante o público, o meio de comunicação que aproxima o olhar, onde a acção de ver, suscita e desperta a criação de novas imagens. A obra pretende captar a sua atenção através da interacção com o espectador. No presente caso, o facto do espectador se interessar na captura de uma imagem representativa do espaço, obriga-o a desenvolver a percepção do mesmo, criando um interesse indirecto motivado pela submersão e intervenção da acção criativa.

### **1.5 O diálogo da obra com o público**

O espaço para o objecto artístico engloba um conjunto de conceitos como significado da prática artística, que descodificados resultam no diálogo com o público. A obra é a emissora de uma mensagem com o espectador que toma a posição de receptor, resultando na acção que se torna possível através do contexto da cidade. Cada vez mais o espaço público se transforma no espaço relacional e o artista passa a integrar o público no seu processo de criação e produção.

### 1.5.1 A relação estética: obra e público

A relação da obra/espectador sofre uma transformação, em que o espectador já não a observa, pois passa a integrá-la, criando uma relação de carácter temporário. A obra necessita do espectador para se contemplar. A arte contemporânea focaliza-se cada vez mais neste tipo de práticas intencionais e dependentes do espectador.

As experiências do *Fluxus*, movimento que começa a ganhar forma no final da década de cinquenta do século XX, é uma referência importante na relação social da obra com o público, através das suas acções procurava criar significados sociais, com uso do humor e reflexões a respeito da vida quotidiana e suas singularidades, caracterizado como uma mudança social na relação directa com o lugar e nos acontecimentos da vida comum. Interage num tempo e espaço específicos, explora a sensorialidade da obra e a percepção humana. O movimento “[...] *Fluxus* investiga a relação entre o sentir e o conhecer”, através do carácter experimental no contacto com a obra, desenvolve “[...] uma investigação sobre a percepção estética para além do limite da visão [...].” (TRAQUINO. 2010, p.95)

Os eventos *fluxus* e os *fluxkits* (caixa de madeira, compartimentada, com uma compilação de peças organizadas no seu interior, permitia agrupar num só objecto as várias ideias do *Fluxus*, era o espaço de exposição experimental) são vistos como um contributo essencial para o desenvolvimento do conhecimento da acção e experiência individual. A relação das ideias com a acção humana, na construção de suas intervenções, constroem significados e abrem caminho para o campo do “fazer” na troca e partilha de experiências, que resulta na democratização de acesso ao acto criativo e seus resultados.



*Fluxkits* de George Maciunas, 1964-65.

Partindo do campo das experiências, na relação da acção humana com o espaço, proponho a seguinte intervenção que descrevo no capítulo 2.

## II PARTE

### 2.Trabalho Criativo

#### 2.1 Outros projectos - análise do processo criativo.

A partir da análise dos exemplos seguintes, em obras de George Segal, Mark Jenkins, Joshua Allen Harris, Sebastian Campion e Kacie Kinzer, faço a leitura da relação da percepção do público com as intervenções artística e o espaço, na relação entre o pensar e o fazer, que emergem no desenvolvimento e construção do acto criativo, numa linha de analogias entre acção, mensagem e imagem.

O trabalho experimental *moving*<sup>1</sup> Questão de Espaço - diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público, surge do estudo dos seguintes projectos artísticos que apresento, os quais desenvolvem com o espaço da cidade, a (re)afirmação e modificação da percepção do lugar.

---

## George Segal (1924-2000)

[www.segalfoundation.org](http://www.segalfoundation.org)

---

Escultor e artista. Criador de ambientes, cenários banais com objectos comuns, incorpora figuras, moldes de pessoas reais de gesso branco nas suas criações.

Ao longo dos anos aperfeiçoa a sua técnica e cria as esculturas a partir de imagens moldes da sua família e amigos mais próximos.

Conhecido por Roy Lichtenstein e Andy Warhol, faz parte do movimento “Pop Art” através das suas obras que relacionam a sua experiência pessoal e valores humanos. Nos últimos anos explorou uma nova criação a partir da fotografia a preto e branco nas ruas de Nova York e Nova Jersey, e de pessoas com grande expressão humana.

É um exemplo da arte relacional, através do uso da escultura inspirada na figura humana como elemento que marca a sua obra. As suas figuras, obras de carácter efémero, são muitas vezes expostas em praças e jardins, onde se misturam com o público transeunte da cidade.





---

## Mark Jenkins

[www.xmarkjenkinsx.com/](http://www.xmarkjenkinsx.com/)

---

Artista americano conhecido pelo seu estilo *street art*. Usa a rua como um palco onde os transeuntes se tornam os actores.

Usa materiais como embalagens de plástico envoltas em fita adesiva transparente para dar forma às suas estruturas.

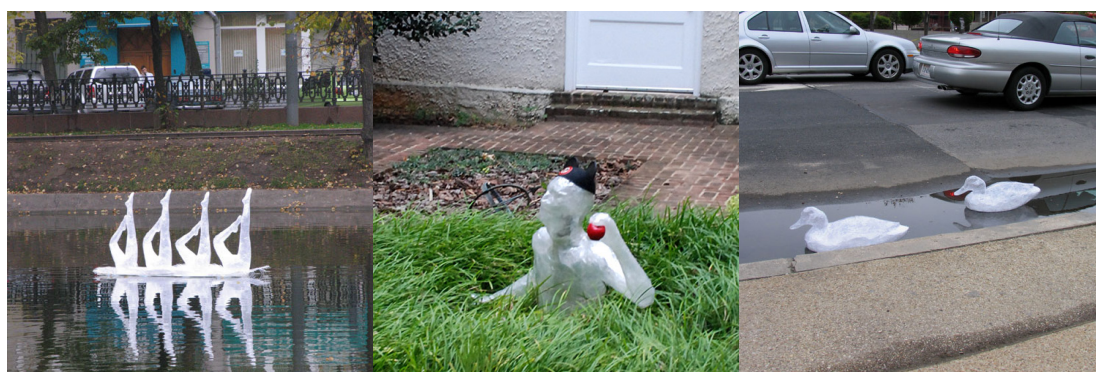
Muitas das suas obras não são financiadas. Expostas em grande parte nas ruas da cidade, nos mais diversos locais, desde zonas menos visíveis como as lixeiras urbanas a locais naturais como parques e jardins. Enquadram-se nos respectivos locais e muitas delas são criadas para um local específico.

Inspira-se em formas humanas, pessoas e animais assim como em objectos do quotidiano.

Jenkins já teve as suas obras publicadas em grandes jornais e revistas como *Time Out* e *The Washington Post*, *The Independent*, no livro *Hidden Track: How Visual Culture is Going Places* e no *Wooster Collective*, um blog especializado em arte urbana. Ele também mantém o *site* [tapesculpture.org](http://tapesculpture.org), onde ensina o processo de criação das suas obras em workshops nas cidades que visita.

Durante uma entrevista ao crítico de arte Brian Sherwin, refere:

“There is opposition, and risk, but I think that just shows that street art is the sort of frontier where the leading edge really does have to chew through the ice. And it’s good for people to remember public space is a battleground, with the government, advertisers and artists all mixing and mashing, and even now the strange cross-pollination taking place as street artists sometimes become brands, and brands camouflaging as street art creating complex hybrids or impersonators. I think it’s understanding the strangeness of the playing field where you’ll realize that painting street artists, writers, as the bad guys is a shallow view. As for the old bronzes, I really don’t see them as part of what’s going on in the dialogue unless addressed by a new intervention.”<sup>5</sup>



<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.myartspace.com/blog/2008/02/art-space-talk-mark-jenkins.html>> acesso em: 30 janeiro de 2011







---

## Joshua Allen Harris

---

Joshua Allen Harris, artista *street art*, dá forma às suas instalações através do uso de sacos de plástico (sacos de lixo) presos sobre as saídas de ventilação do metro de Nova York, quando o metro passa os sacos inflam e formam esculturas por alguns segundos. Figuras que chama de monstros insufláveis, com formas como as de urso, criaturas míticas, centauros e outras um tanto misteriosas. Numa combinação de natureza e arte, as figuras chamam a atenção dos transeuntes, através da surpresa.

Joshua A. Harris encontrou uma forma de trabalhar a relação humana, através das suas criaturas insufláveis, criadas a partir de materiais ecológicos conseguiu um conjunto de obras de grande relevo e em alguns casos consegue manipular o espaço urbano de forma a brincar com a ilusão do espaço como por exemplo o caso do dragão, segmentado, de modo a parecer um mergulho dentro e fora das grades de metal do passeio em que se senta, ou no exemplo dos dois monstros que se enfrentam, tirando partido da circulação do ar que varia de lugar para lugar, criando a ilusão de que um está a ganhar a luta e o outro a perder terreno.

A obra centra-se na atitude intervencionista da arte urbana, convida o espectador ao mundo que cria a vida e a morte através de ciclos de tempo como é o caso da mobilidade dos transportes públicos.





---

## Sebastian Campion

[www.campion.nu](http://www.campion.nu)

[www.guerrilla-innovation.com](http://www.guerrilla-innovation.com)

---



Designer e pesquisador dinamarquês, desenvolve o seu trabalho no campo do design, interactividade e experimentação.

O seu blog pessoal (<http://www.guerrilla-innovation.com/>), reúne várias iniciativas/ideias que são desafios de criatividade não convencional.

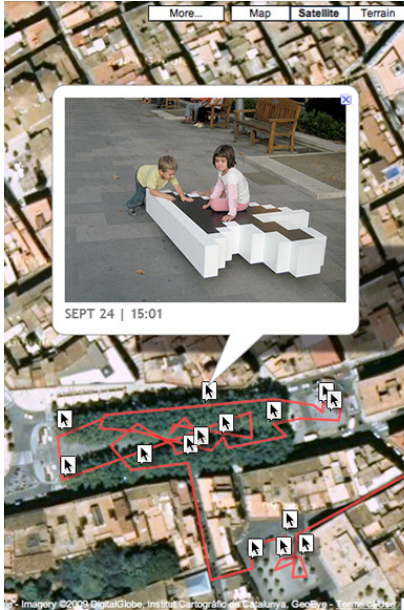
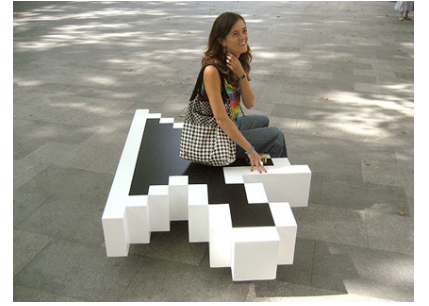
Um dos seus projectos que apresento como análise é o projecto *Urban Cursor*.

*Urban Cursor* é um objecto concebido para facilitar a interacção social e o jogo no espaço público, com um GPS incorporado. O objecto, tem o formato de um cursor (ponteiro de rato) de computador tridimensional e foi colocado na praça de Figueres, na Catalunha (Espanha), durante o festival Cultural de Ingràvid. O público podia tocá-lo, movê-lo e sentar-se nele como alternativa para o assento (banco) público.

Um formato retirado da tela, em que o cursor continua em contacto com o mundo digital. Através do dispositivo GPS incorporado, transmite as coordenadas geográficas para o *site* (<http://www.urbancursor.com/>). As coordenadas foram mapeadas no *Google Maps* para que pudessem documentar os movimentos do cursor no mundo físico e possibilitar aos participantes ver como eles colectivamente ajudaram a mover o objecto ao redor do espaço urbano.

Durante o festival, os participantes puderam fazer o *upload* das fotos para o *site*. As fotos foram automaticamente colocadas no mapa por correspondência - *digital time stamp* - com as coordenadas GPS.

Em cada festival ficou registada/mapeada a trajectória do cursor no espaço público, como por exemplo, praça de Figueres com data e hora do registo fotográfico.



---

## **kacie kinzer**

www.kaciekinzer.com

www.tweenbots.com

---

Investigadora e designer, explora como a tecnologia pode criar empatia e cooperação com o humano.

Criou o *tweenbot*, um robô de cartão com uma bandeira anexa, que diz: ajude-me/ *help me*, para obter ajuda dos transeuntes. O projecto com ajuda das pessoas conseguiu atravessar Washington Square Park, Nova Iorque em 42 minutos.

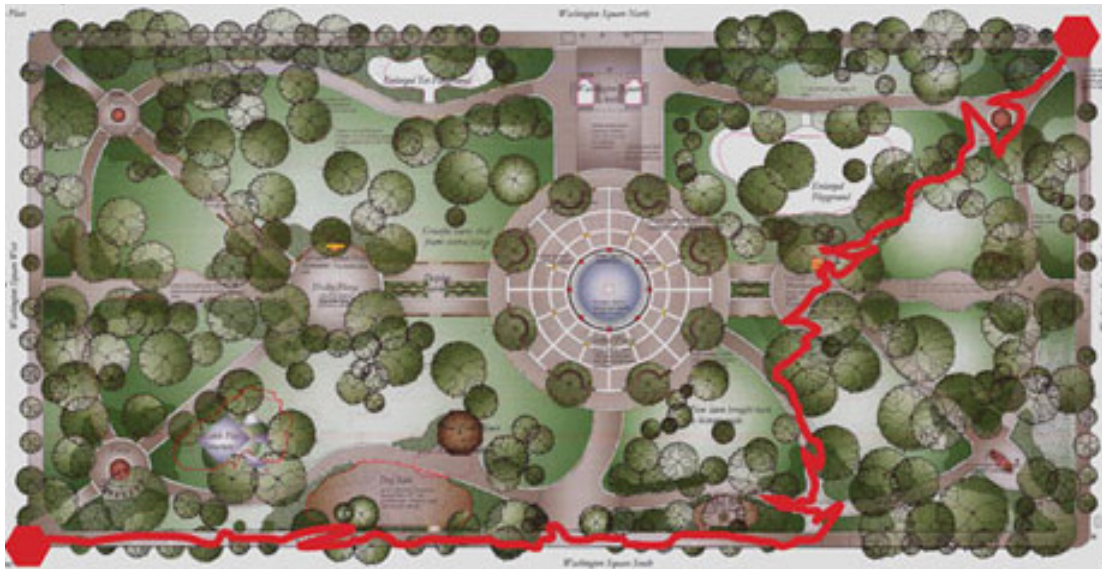
Kacie Kinzer estuda o facto de como as pessoas, cada vez mais estão ocupadas em deslocar-se de um lugar para o outro. No início questionou-se como poderia um objecto atravessar ruas junto dos transeuntes e criar uma narrativa sobre a relação do espaço e a interacção humana na complexidade das cidades.

*Tweenbot* é um robot que percorre a cidade com ajuda dos transeuntes que encontra, desloca-se a uma velocidade constante, e sustêm uma pequena bandeira com a indicação do seu destino. Durante o seu percurso encontra diversos obstáculos sem esquecer a vulnerabilidade do próprio objecto.

Foi inicialmente concebido como objecto descartável com o mínimo de tecnologia, pois poderia morrer perdido na cidade antes de chegar ao seu destino.

Ao longo de meses e várias missões os *tweenbots* tiveram resultados inesperados, foram bem sucedidos chegando ao seu ponto de destino. Kacie assistiu ao longe ao seu trajecto e como os transeuntes o ajudavam a superar os diversos obstáculos, como ficar preso em terra, ir contra um banco do jardim, ir na direcção errada, as pessoas ajudavam-no a ir na direcção certa, resgatando-o.

*Tweenbots* criou uma narrativa junto do espaço da cidade e uma empatia humana. Estes pequenos objectos que espelham as características humanas de vulnerabilidade, conseguiram envolver-se com as pessoas que passavam e levá-las a cooperar para alcançar o seu objectivo, com pequenas acções individuais que se acumulam numa história sobre o vasto espaço da cidade que se tornou pequeno para os pequenos *tweenbots*.



Em termo de análise, na obra de Segal verificamos que o uso da figura humana é denominante, incorpora-as e relaciona-as com o espaço público como vulgares transeuntes.

Jenkins cria uma diversidade de cenários na cidade onde se torna impossível passar despercebido, oferece ao espectador a irreverência, onde caracteriza figuras como animais ou pessoas.

Nas obras destes dois artistas algo os separa, o espaço temporal, pertencendo Jenkins à actualidade, transforma o espaço de pertença do público em novos cenários conceptuais através do uso de materiais do quotidiano.

Joshua Harris usa a ventilação da cidade como motor da sua obra. Impõe-se ao público com seus monstros, seres que se tornam vivos e no minuto a seguir morrem, provoca o público no seu processo híbrido.

Sebastion Champion a partir de um simples cursor usa a tecnologia GPS como parte integrante dos resultados da experiência. O seu objecto de formas gráficas e minimalistas personaliza o espaço da cidade e acaba por se incorporar na paisagem, onde é usado pelos transeuntes como banco ou até mesmo como transporte no seu deslocamento, cria uma trajectória que Champion usa para ilustrar o mapa urbano *online*.

Kacie também coloca o seu *tweenbot* em trajectória, mas esta é pré-definida e impõe-se ao público numa relação muito próxima, atribui-lhe um diálogo que termina na chegada ao respectivo destino do *tweenbot*. Uma dinâmica surpreendente na interacção e relação com os transeuntes, perante a forma de acolhimento deste pequeno objecto móvel - *tweenbot* - com cariz afectuoso.

Outra intervenção que me parece interessante referir e analisar, que teve recentemente lugar na cidade de Lisboa, pelo artista plástico Bruno Gaspar, onde pediu aos sem-abrigo que fotografassem a cidade distribuindo-lhes máquina fotográficas descartáveis, a intervenção intitula-se “A cidade vista por quem não consegue morar nela” e teve como objectivo perceber como é a cidade de Lisboa dos sem-abrigo. As fotos vão estar em exposição e as melhores serão leiloadas e/ou vendidas para ajudar a associação CASA. Bruno Gaspar questiona a cidade através do olhar de uma comunidade específica, os sem-abrigo. A partir desta iniciativa pretende levar o projecto além fronteiras, em outras cidades como Madrid (Espanha) e Londres (Inglaterra).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.publico.pt/Local/a-cidade-vista-por-quem-nao-consegue-morar-nela\\_1497504](http://www.publico.pt/Local/a-cidade-vista-por-quem-nao-consegue-morar-nela_1497504)> acesso em: junho de 2011.



Registos fotográficos dos sem-abrigo, Lisboa, 2011.

A prática artística que proponho também faz uso de uma trajectória, mas esta será apenas feita pelos transeuntes, a obra/figura não se desloca. São os transeuntes que se deslocam, no percurso dos 3 pontos que albergam as figuras, vão contornar a envolvente da muralha do centro histórico, da cidade de Faro. A Obra impõe-se na ligação dos pontos pré-estabelecidos na deslocação de um para o outro, permitindo ao transeunte a descoberta de um novo espaço ao (re)ver novamente o lugar, mesmo que não lhe seja desconhecido. O despertar da percepção através da captura do registo fotográfico também aqui é imposta, as figuras incorporam o espaço e registam a interacção e relação com o espaço quotidiano e social. A acção de observar a cidade de Faro a partir do olhar do público em geral.

## 2.2 Espaço de diálogo cidade-público: identificação e interpretação.

Faro é a cidade escolhida para a intervenção artística, capital do Algarve, encontra-se ligada à ria formosa, por onde chegaram sucessivos povos, Tartessos, Fenícios, Gregos, Celtas, Cartagineses, Romanos, Visigodos, Bizantinos, Árabes, Normandos, etc. Em tempos pré-históricos foi uma aldeia de pescadores, depois sofreu o domínio dos mouros, onde foi saqueada e incendiada pelos ingleses no século XVI acabando por ser danificada em 1955, ao sofrer com o grande terramoto. Após reconstrução surgiram construções arquitectónicas como o Paço Episcopal (séc. XVIII), Sé Catedral ou o Arco da Vila construído no local de entrada de um castelo medieval.<sup>7</sup>

O centro histórico, área antiga da cidade conhecida por “Vila-adentro”, é rodeado pela muralha, antiga linha fortificada conhecida como Cerca Seiscentista, sendo parte muçulmana e outra portuguesa. As suas ruas estreitas albergam a Câmara Municipal e alguns serviços municipais, casas baixas e típicas, calçada portuguesa e recantos de história. Ao deslocar-nos para o exterior da muralha que envolve este pequeno aglomerado urbano, sentimos que nos confrontamos com espaços vazios e adormecidos.

Ao caminharmos pelo percurso ao cais, vamos apreciar a ria formosa, a passagem do comboio, ligação Faro - Vila Real de Santo António, comboio que transporta diariamente os passageiros transeuntes que acompanham a ria no seu percurso. Nesse mesmo cais podemos usufruir de um lugar de refúgio e apreciar a ria, as gaivotas que por ali poisam e passam na procura de alimento. Mas a sua envolvente permanece ruidosa, esquecida pela passagem do tempo, apesar dos vários transeuntes usarem o espaço como lugar de passagem, e de ligação ao cais de embarque para os barcos que fazem a ligação entre as diferentes ilhas de Faro/Olhão, este espaço permanece abandonado. *Skaters* usam-no para percorrer, outros como subterfúgio. Chega a noite e nada se passa e temos aqui uma das paisagens mais extraordinárias de Faro, mas adormecida. A cidade viva não passa aqui.

Após leitura da mobilidade do espaço através da percepção visual e conceptual do mesmo passamos à fase seguinte que será a acção - intervenção artística e recolha dos resultados a partir da participação do público. A demonstração da visibilidade em que o projecto convida o público a (re)visitar a cidade e (re)criar a cidade imaginária. A obra possibilita (re)ver a cidade.

<sup>7</sup> Disponível em: <[www.cm-faro.pt](http://www.cm-faro.pt)> e <<http://wikitravel.org/pt/Faro>> acesso em: dezembro de 2010.

## 2.2 Mapeamento da cidade



---

### PONTOS DE INTERVENÇÃO/LOCALIZAÇÃO

- A. ENTRADA OESTE
- B. CAIS/ ENTRADA DA PORTA NOVA
- C. ENTRADA ESTE

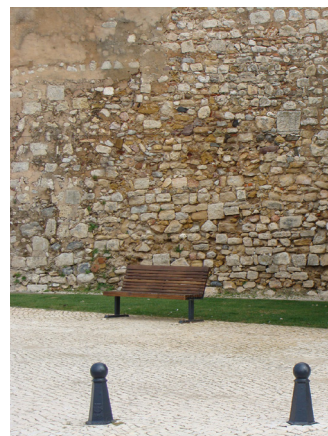
A escolha dos pontos de localização teve como objectivo levar o público transeunte a contornar o exterior da muralha que envolve o centro histórico.

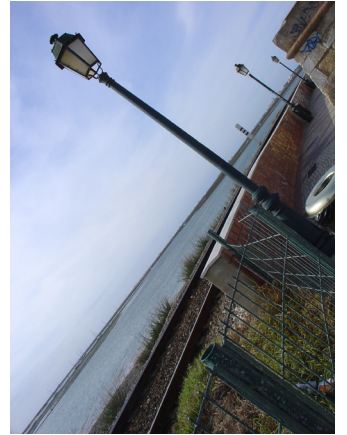
---

---

**REGISTO FOTOGRÁFICO DA ZONA DE INTERVENÇÃO**  
(ENVOLVENTE DA MURALHA - CENTRO HISTÓRICO - FARO)

---





## III PARTE

### 3. O Projecto

O projecto de intervenção artística cria um meio de interacção social, o diálogo entre a obra, o público e o espaço, projectando uma maior visibilidade do modo como o espaço se relaciona com o público transeunte. O espaço torna-se um corpo e é visto como um meio de evasão do cenário real para o cenário imaginário.

As cidades são organogramas complexos com regras e sentidos específicos que definem trajectórias. Somos comandados para as obedecer, e acabamos por nos esquecer das pequenas histórias que nelas habitam, histórias que num sentido figurado poderão surgir de um pequeno detalhe da pedra da calçada ou da talha da fachada. A intervenção, a partir de uma trajectória definida, pretende que o público transeunte, através das figuras, isto é da prática artística exposta em diferentes espaços da cidade (Faro), se aperceba do lugar, sinta a sua essência como espaço e crie a sua própria interpretação, dando assim início ao diálogo artístico com a obra e o espaço.

A partir da análise realizada sobre as intervenções no espaço urbano, pretendo abordar algumas questões, como a relação social dos locais “adormecidos”, distantes ao olhar do público transeunte, conceitos aplicados à prática artística que propõe a análise da visibilidade do espaço público, integrado no conceito da cidade como espaço de exposição, ao preencher e dar corpo, através da experiência de intervenção - *site-specific*.

#### 3.1 Apresentação do projecto

Este projecto pretende desenvolver o conceito de espaço efémero integrado na cidade criativa e criar um diálogo, com o espaço da cidade contemporânea e seu público, que se torna no espectador atento através da percepção do espaço relacional, como forma de proximidade. O diálogo que proponho tem o propósito de (re)descobrir a cidade, na procura de outros espaços e outros olhares que intervêm com a realidade no encontro do lugar, (re)ver as ruas ou espaços de circulação transitória, para perceber o significado das imagens, formas, cores, e sons.

Os **objectivos** pré-definidos para o projecto foram os seguintes:

Criar uma intervenção artística *site-specific*, a partir do trabalho experimental sobre a visibilidade do espaço da cidade, em interacção com o público.

Reflectir sobre o espaço como lugar de ver, intervir e ser visto, lugar de interacção que se (re)constrói e transforma a partir do preenchimento dos espaços adormecidos.

Inserir a intervenção no espaço social e no quotidiano da cidade. Auto-construir a obra no local específico com a participação do público com a possibilidade de converter o espaço num lugar de intercâmbio e convívio.

Mostrar que actualmente, na cidade contemporânea, as intervenções artísticas de “arte pública” trazem uma maior visibilidade ao espaço, à percepção do mesmo, já que muitos se encontram vazios, solitários e descaracterizados.

Seleccionar uma área de intervenção a exemplo da cidade contemporânea (Faro) através dos locais de situações transitivas que possibilitam uma dinâmica onde a mobilidade do público é maior e mais difícil de ser controlada, do que em lugares específicos que abrigam outras propostas artísticas, como galerias e museus.

Analisar a multiplicidade de imagens, com que todos os dias somos confrontados na publicidade das ruas e compreender como nos tornamos indiferentes perante o ruído visual da cidade.

Intervir, invadir, através da intervenção/experimental, e caracterizar este projecto *site-specific art* como parte das imagens urbanas.

### **3.1.1 A Intervenção**

#### ***moving*, 1Questão de Espaço!**

O nome deste projecto foi inspirado nos transeuntes que passam diariamente pelas ruas da cidade, muitos deles habitantes, outros turistas que se aproximam para conhecer alguns dos espaços, por vezes guiados por guias turísticos, onde os espaços divulgados, são pré-designados como pontos de interesse obrigatórios a visitar.

A figura do turista é pictoricamente representada no projecto através do objecto máquina fotográfica descartável, símbolo de fácil associação ao transeunte viajante que no respectivo caso é o público que se desloca com o olhar atento. A intervenção pretende actuar nos espaços menos visíveis, de forma a dinamizá-los e a despertar consciências.

A intervenção é constituída por 6 figuras que formam várias silhuetas, de contornos humanos, ao tamanho real. Cada figura transporta uma máquina fotográfica descartável que o público poderá usar livremente para capturar

as imagens do espaço envolvente e devolve-a à respectiva figura após a acção criativa. As figuras estão colocadas em pares nos respectivos pontos da acção.

A acção passa-se em 3 zonas delimitadas da cidade - envolvente do centro histórico de Faro - identificadas na página 40 (pontos de localização: a. entrada oeste, b. cais/entrada da porta nova e c. entrada este). A escolha dos pontos de localização teve como objectivo levar o público a contornar o exterior da muralha que envolve o centro histórico.

Na concepção das figuras apresento uma estrutura formada por 1 placa de polipropileno alveolar de 8mm de espessura, recortada pela linha de contorno, silhueta humana. Para colocação e sustentação é utilizado uma placa de madeira fina que é colada na silhueta, com acabamento em forma de seta para estabilização na superfície. A sua colocação em pares permitiu a alternância de cor branca/preto entre elas.

O grafismo das figuras pretende aproximar o espectador das mesmas através das semelhanças com ele próprio, sua forma e dimensão. A informação contida nas figuras é o meio de comunicação e a regra que estabelece o diálogo com o público transeunte, este torna-se o receptor quando responde através do acto criativo.

### 3.2 Estratégia de Comunicação

A mensagem inerente à intervenção que pretendo divulgar e descrita nas silhuetas é iniciado pela questão: **Poderá o “espaço público” mudar? Poderá o “espaço público” falar?** Estas duas questões são a resposta/reflexão da prática artística.

A acção temporal divide-se em dois tempos, a primeira acção consiste na exposição da obra como intervenção na cidade, de modo a construir o diálogo com o espaço/lugar e o público transeunte. Na segunda acção analisa-se os resultados práticos a partir da exposição *online*.

A interpretação dos registos do projecto pelo público transeunte que passa, a sua interacção com a obra, a importância que a mesma teve na sua relação com o lugar são simultaneamente expostos numa compilação de registos fotográficos que poderá ser vista online através do blog: <http://moving-project.blogspot.com/>.

Algumas questões que me coloquei antes da análise da intervenção artística:

**“Será que o público transeunte interage com as figuras, respeitando as regras nelas descritas?”**

**“Será a curiosidade do público o motor da interação com a prática artística, ou será apenas uma forma imposta ao público?”**

**“Serão as cidades vazios urbanos de lugares?”**

Ao longo deste capítulo refiro o termo “diálogo criativo” que uso para definir o resultado da intervenção, visto que as imagens “registos fotográficos” são a resposta, isto é o resultado do público perante o diálogo iniciado na cidade.

## Conclusão

### Resultado da prática artística

Cada vez mais observamos a cidade com seus espaços adormecidos e envelhecidos e cabe-nos a nós, habitantes e artistas tentar resgatar estes espaços nas ruas. *moving 1*Questão de Espaço pretendeu ir ao encontro desse espaço adormecido.



A intervenção apresentou um espaço específico ao público transeunte numa acção artística, com o intuito de (re)descobrir o sentido dos elementos da cidade e conferir significado social ao espaço. Pretendeu que o participante se sentisse parte desse espaço e nele contribuísse para a prática artística, ao fazer parte da própria intervenção artística, porque sem ele esta não seria possível.

A prática artística promoveu encontros para uma vivência compartilhada, num lugar específico, com o intuito de criar um percurso que direccionou o público a percorrer uma trajectória, ao seguir as coordenadas, descobrindo sons e imagens e implantando-se como experimentação do urbano. Este projecto levou as pessoas a moverem-se pela cidade, tanto em trajectória como ao acaso.

### 1º dia da intervenção

A prática artística “*moving 1*Questão de Espaço - diálogo da intervenção artística *site-specific* com a cidade e o público” começou no dia 27 de Julho, na cidade de Faro. Os locais foram os anteriormente indicados na página 40, três pontos de actuação que se distribuíram na envolvente do centro histórico, entre a muralha e a ria Formosa. A intervenção prolongou-se durante 3 dias até ao dia 29 de Julho.

Após a montagem, no dia 27, nos instantes seguintes, observei que os transeuntes que por ali passavam não ficaram indiferentes. A primeira reacção era questionar o que seriam aquelas formas por ali espalhadas, muitos aproximavam-se, na maioria visitantes turistas que transitavam no percurso ao cais de embarque para apanhar o barco para as ilhas. Paravam para tentar perceber o que se pretendia, alguns com seus próprios objectos de registo, captavam o cenário, juntando-lhe as figuras, outros interagiam com as figuras utilizando a máquina descartável, obedecendo às regras e construindo o diálogo criativo.

A intervenção foi bem aceite, os transeuntes respeitaram as regras

descritas nas figuras, embora deva realçar que o único ponto negativo foi o desaparecimento de algumas das máquinas descartáveis ao longo da prática artística. As figuras mantiveram-se intactas até ao último dia da intervenção.

## **2º e 3ª dia da intervenção**

O que questionava o público?

O público foi chamado à atenção através da visibilidade das figuras, embora impostas no espaço, aqueles que passavam ao longe observavam-nas, questionando-se sobre elas. A curiosidade dos transeuntes foi para alguns o motor para a interacção com as mesmas. A mensagem **“click!, clique!, click!”** foi perceptível e por vezes ao longe, cantarolavam-na.

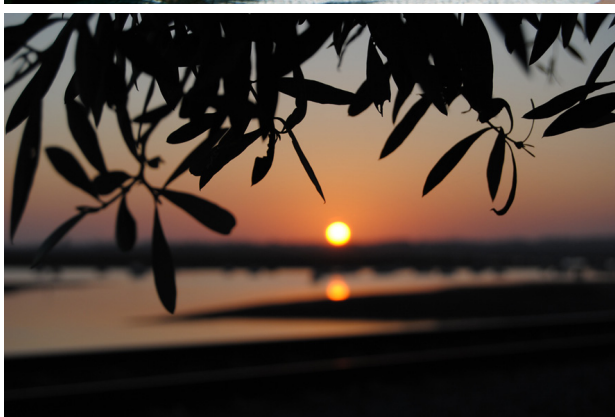
Verifiquei no diálogo criativo, que na maior parte das vezes os transeuntes colocavam-se no cenário, um manifesto da proximidade com o espaço, não se intimidaram com a exposição da sua própria imagem ao inseri-la na intervenção, tornaram-na parte da obra. Os registos são variados, desde os auto-retratos, aos retratos em grupo ou de família, ao espaço e ao que nele habita.

Alguns transeuntes poderão não ter percebido a mensagem da intervenção, mas nem por isso deixaram de participar ou ficar indiferentes ao acto que lhes suscitou a curiosidade, ao acto de observar mais atentamente aquele espaço.

Dando resposta às questões apresentadas na prática artística muitos transeuntes puderam ver esse mesmo espaço de outra forma e mesmo aqueles que não intervieram, tiveram a oportunidade de ter outra percepção do espaço, ao (re)ver a cidade a partir dos registos *online*.

**Esta iniciativa poderia ser o início de um estudo acerca da mobilidade dos transeuntes nas ruas da cidade e de um novo olhar sobre a mesma, numa perspectiva estratégica de marketing. Diariamente somos abordados com inúmeras mensagens publicitárias e tornamo-nos indiferentes. A possibilidade de novas intervenções criativas como forma de arte ou mesmo de publicidade ou associação de ambas, são um meio para revitalizar estes espaços adormecidos.**







## Conclusão

Assistimos a uma transformação na década de 1960, uma ruptura e subversão do carácter do monumento e das limitações dos espaços institucionais, onde os artistas passam a interessar-se pelas potencialidades do espaço público. Espaço este que lhes permite a aproximação do público numa nova relação com a obra de arte.

Surge uma nova cultura do espaço, onde os monumentos são agora meios de propaganda, pontos de referência urbana que caracterizam o mapeamento urbano, acrescentando-lhe uma dimensão temporal. A cidade tem um património de elementos de expressão, símbolos, percursos, edifícios, monumentos ou mesmo dos chamados vazios urbanos ou espaços adormecidos, e todos eles são referência na sua identidade. Observamos uma singularidade de significados que fazem a diferença em cada cidade, esta que se impõe com o dever de resgatar o olhar do espectador mas também de se envolver no quotidiano e no diálogo social.

A nova linguagem das intervenções artísticas valorizam os aspectos funcionais e uma preocupação social. Os artistas procuram novos caminhos de experiência através de uma maior interação com o público que pode agora partilhar, tocar, percorrer e experimentar tornando-se parte integrante da obra. O público entra na paisagem e o artista cria um novo cenário, dinâmico, multifuncional e acessível. A cidade é vista como o lugar expositivo a céu aberto, onde a rua é o espaço, que nos apresenta a possibilidade de encontrar um olhar não familiarizado com os códigos utilizados pela arte contemporânea, o olhar do transeunte - aquele que passa, ao criar o diálogo obra/público e proporcionar a evasão para a cidade criativa. O projecto “*moving*, 1Questão de Espaço” caracteriza esse diálogo.



## Referências bibliográficas

ANDRADE, Pedro et al. (Orgs.). *Arte Pública e Cidadania: Novas Leituras da Cidade Criativa*. Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas. Setembro de 2010.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares - Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. 90 Graus Editora. Lisboa, 2005.

ARQUITECTURA 21. *Cidades Criativas*. nº 3, Abril 2009.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. 4ª Edição. Passagens. Lisboa, 2006.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Relógio d'Água. Lisboa, 1994.

BRANDÃO, Pedro e REMESAR, Antoni (Coord.). *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. Centro Português de Design. Lisboa, 2000.

CAEIRO, Mário. *Habitar o espaço público: Da prática crítica da arte urbana*. ARQ./A. Maio 2008: 20-25.

CUMMING, Robert. *Arte, Guias Essenciais*. Editora Civilização. 2006.

DUARTE, Ignasi; BERNAT, Roger (Eds.). *Querido Público. El espectador ante la participación: jugadores, usuarios, prosumers y fans*. Centro Párraga, CENDEAC y Electrica Producciones. 2009.

ELGER, Dietmar. *Dadaísmo*. Taschen. Germany, 2005.

ETHEL, Seno (Ed.). *Trespass, História da Arte Urbana Não Encomendada*. Taschen. 2010.

FBAUP, Universidade do Porto. *Aqueologia do Urbano, Abordagens e Práticas*. Selecção e Matéria Editorial, ed. Gabriela Vaz-Pinheiro, 2009.

INNERARITY, Daniel. *O Novo Espaço Público - Que significado pode ter hoje uma cultura pública comum?*. Teorema. Lisboa, 2006.

KUSPIT, Donald (Ed.) *Arte digital y Videoarte. Transcendiendo los límites de la Representación*. Círculo de Bellas Artes. Ediciones Pensamiento. Madrid, 2006.

LEITE, Elvira e VICTORINO, Sofia. *Arte e Paisagem*. Coleção Cadernos de Arte Contemporânea #1. Fundação Serralves, Programas Educativos. 2006.

MADERUELO, Javier (ed.). *Arte Público: Natureza e Ciudad*. Fundacion César Manrique. Madrid, 2001.

PARRAMON, Ramon et al. *Arte, Experiências y Territorios en proceso*. Idensitat. 2007.

REGATÃO, José Pedro. *Arte Pública e os desafios das Intervenções no Espaço Urbano*. Dissertação (Mestrado em Teorias da Arte) - Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Bond - Books on Demand. 2ª Edição, 2010.

RIBEIRO, Antonio Pinto. *Abrigos: Condições das Cidades e Energia da Cultura*. Edições Cotovia. Lisboa 2004.

RIBEIRO, Antonio Pinto. *À procura da Escala: Cinco Exercícios disciplinados sobre a cultura Contemporânea*. Edições Cotovia. Lisboa, 2009.

STAHL, Johannes. *Street Art*. Edição espanhola: Tandem Verlag GmbH. H.F.ullmann. 2009.

SADIO, Pedro (Prod.). *EXD/09 Timeless*. Athena, Chancela Editorial da Guimarães Editores, SA. Experimenta 2009.

TRAQUINO, Marta. *A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) Departamento de Sociologia do ISCTE. Edições Húmus. 1ª Edição: Abril 2010.

WOOD, Paul. *Arte Conceptual. Movimentos da Arte Contemporânea*. Editorial Presença. 1ª Edição. Lisboa, 2002.

## **Sitografia**

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. 2ª Edição. Los Sentidos/ Artes Visuais, Adriana Hidalgo Editora. Buenos Aires, 2008. [Consult. janeiro de 2011]. Disponível em: <[http://www.4shared.com/document/DLqM9LZz/Nicolas\\_Bourriaud\\_-\\_Esttica\\_re.htm](http://www.4shared.com/document/DLqM9LZz/Nicolas_Bourriaud_-_Esttica_re.htm)>

HOMELESSMONALISA. [Consult. 25 novembro 2010]. Disponível em: <<http://homelessmonalisa.darq.uc.pt>>

IDENSITAT. [Consult. 22 novembro 2010]. Disponível em: <<http://www.idensitat.org/>>

JENKINS, MARK.. [Consult. 25 novembro 2010]. Disponível em: <<http://tapesculpture.org/>>

INTERACT. *Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*. [Consult. 22 novembro 2010]. Disponível em: <<http://www.interact.com.pt/>>

LONG, RICHARD. [Consult. 27 janeiro 2011].  
Disponível em: <<http://www.richardlong.org/>>

LXFACTORY. [Consult. 25 novembro 2010].  
Disponível em: <<http://www.lxfactory.com>>

PEIXOTO, Nelson Brissac (Org.). *Intervenções urbanas: arte, cidade*. Editora SENAC. São Paulo, 1998. [Consult. janeiro de 2011]. Disponível em: <[http://books.google.com/books?id=1O8oPj8x7jEC&printsec=frontcover&hl=pt-pt&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=1O8oPj8x7jEC&printsec=frontcover&hl=pt-pt&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>

PEIXOTO, Nelson Brissac (Org.). *Paisagens Urbanas*. 3ª Edição revista e ampliada. Editora SENAC. São Paulo, 2003. [Consult. janeiro de 2011].  
Disponível em: <[http://books.google.com/books?id=z7xG6XSmg18C&printsec=frontcover&hl=pt-pt&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=z7xG6XSmg18C&printsec=frontcover&hl=pt-pt&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>

RODRIGUES, JACINTO. *Joseph Beuys. Um Filósofo na Arte e na Cidade*. Revista ISPV Millenium Online, nº25 (2002). [Consult. 26 novembro 2010].  
Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millenium/Millenium25/25\\_24.htm](http://www.ipv.pt/millenium/Millenium25/25_24.htm)>

SMITHSON, ROBERT. [Consult. 28 janeiro 2011].  
Disponível em: <<http://www.robertsmithson.com/>>

SOARES, MARISA. *A cidade vista por quem não consegue morar nela*. Jornal Público. [Consult. 5 junho 2011]. Disponível em: <[http://www.publico.pt/Local/a-cidade-vista-por-quem-nao-consegue-morar-nela\\_1497504](http://www.publico.pt/Local/a-cidade-vista-por-quem-nao-consegue-morar-nela_1497504)>

TAVARES, VICTOR. *Não Lugares na Cidade do Porto*. FBA da Universidade do Porto. Porto. 206-08. [Consult. 01 outubro 2010].  
Disponível em: <<http://www.nao-lugares.com/>>

WIKIPEDIA. [Consult. 14 dezembro 2010].  
Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Beuys](http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Beuys)>

## **Anexos**

### **Anexo 1**

Apresentação gráfica do projecto de intervenção artística:  
*moving*, 1Questão de Espaço - diálogo da intervenção artística *site-specific*  
com a cidade e o público

## Anexo 1

Apresentação gráfica do projecto de intervenção artística:  
**moving, 1 QUESTÃO DE ESPAÇO**

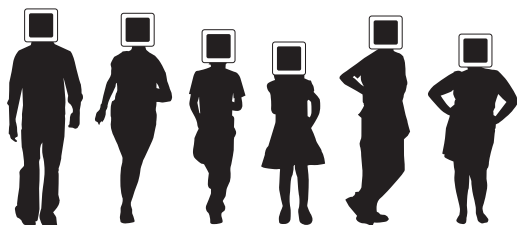
### FASES DO PROJECTO

1. CRIAÇÃO DO PROJECTO (CONCEITO)
2. CONSTRUÇÃO E MONTAGEM TÉCNICA DA OBRA
3. PRÁTICA ARTÍSTICA  
APLICAÇÃO/MONTAGEM NO ESPAÇO  
DATA DA INTERVENÇÃO NA CIDADE (27, 28 e 30, JULHO, 2011)  
TEMPO DE EXPOSIÇÃO **3 DIAS**
4. MOSTRA DE RESULTADOS NO BLOG (<http://moving-project.blogspot.com>)  
EM SIMULTÂNEO COM A PRÁTICA ARTÍSTICA - DIVULGAÇÃO NA PÁGINA WEB:  
<https://www.facebook.com/pages/Moving-Project/217033694981857> E ATRAVÉS  
DE POSTERS E FLYERS DISTRIBUÍDOS NA ENVOLVENTE URBANA.

## 1. CRIAÇÃO DO PROJECTO (CONCEITO)

A acção insere-se no projecto de mestrado em **Comunicação, Cultura e Artes** da **Universidade do Algarve**. Estuda a visibilidade do espaço público, um espaço aberto ao diálogo com o público transeunte, através do trabalho experimental, *site-specific*.

**Com auxílio da máquina fotográfica da figura, registe o espaço!**



Poderá ver o seu registo online  
<http://moving-project.blogspot.com/>

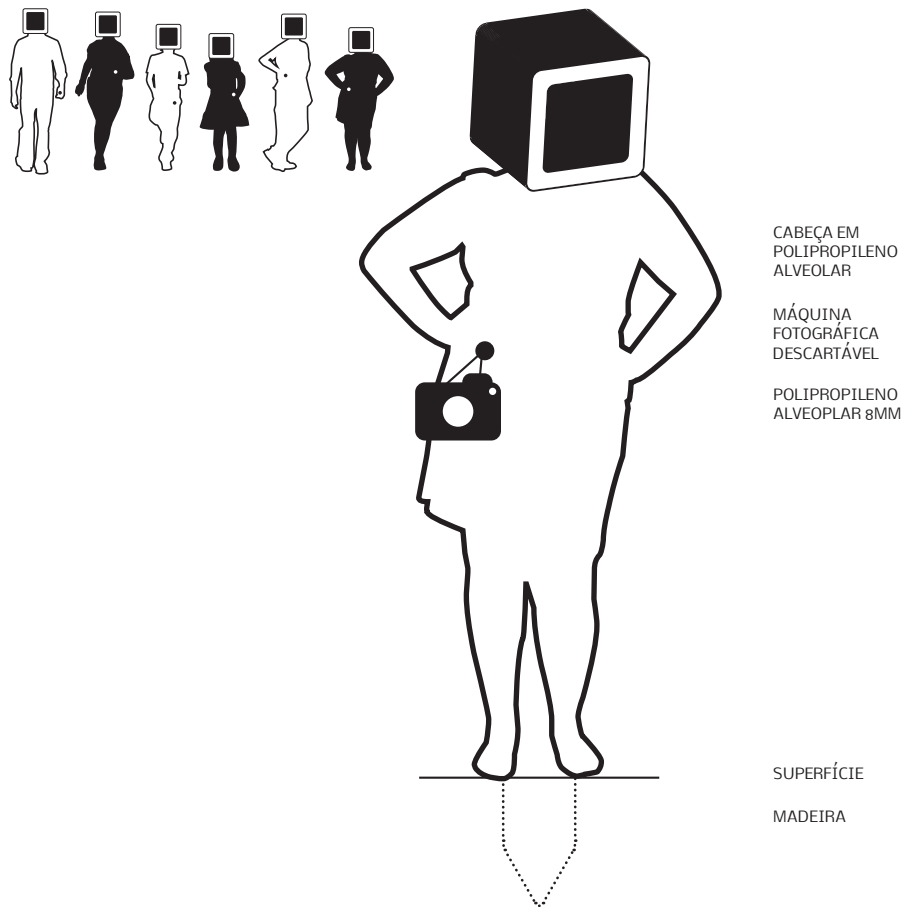
Caso tenha usado outro meio de registo fotográfico poderá enviar o resultado para: **movingproj@gmail.com**

Coloque a máquina fotográfica na posição inicial para o próximo participante.  
**Obrigado pela sua participação.**

## 2. CONSTRUÇÃO E MONTAGEM TÉCNICA DA OBRA

### USO DE MATERIAL POLIPROPILENO ALVEOLAR

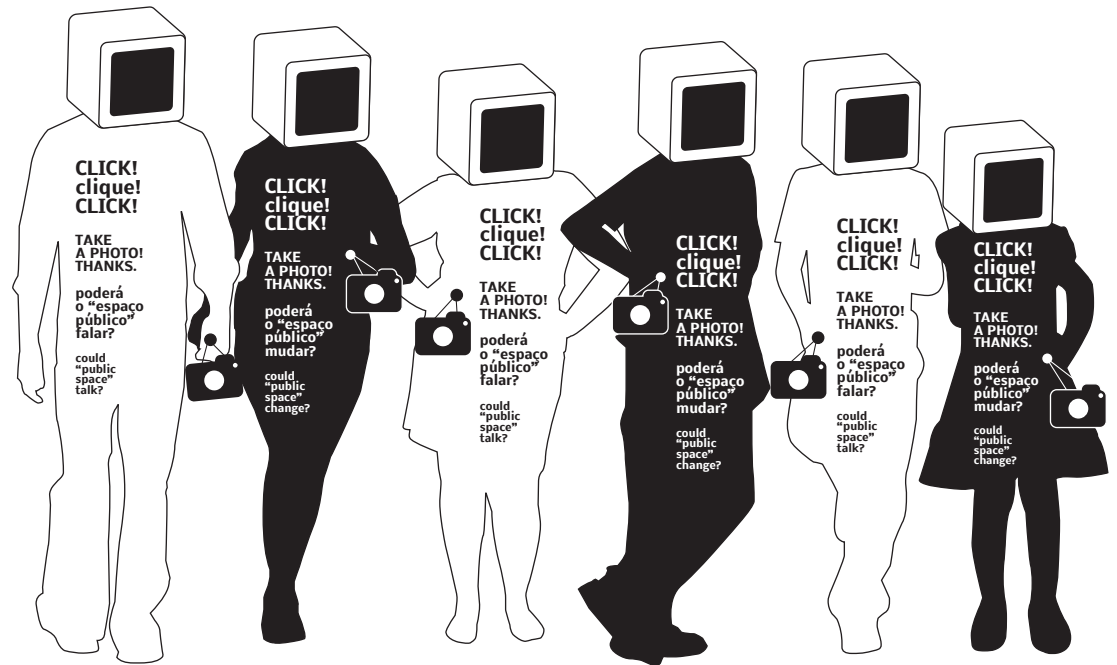
A figura é constituída por uma placa de polipropileno alveolar - recortado, a partir das linha de contorno da silhueta humana e 1 placa de madeira com acabamento em seta para estabilização na superfície.



### 3. PRÁTICA ARTÍSTICA

#### APLICAÇÃO/MONTAGEM NO ESPAÇO

(registo fotográfico - montagem no espaço)



As 6 figuras são colocadas em pares nos respectivos pontos de intervenção.

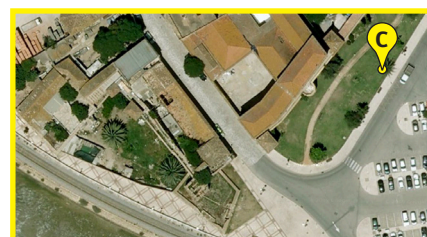
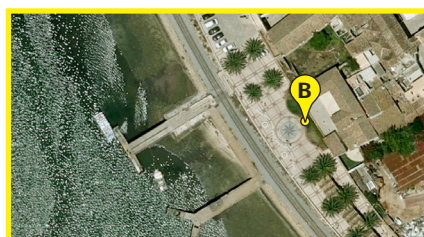
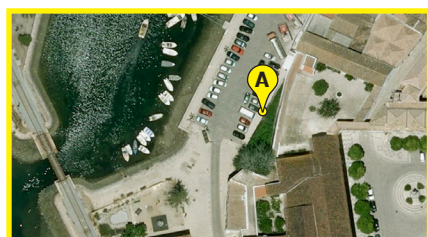
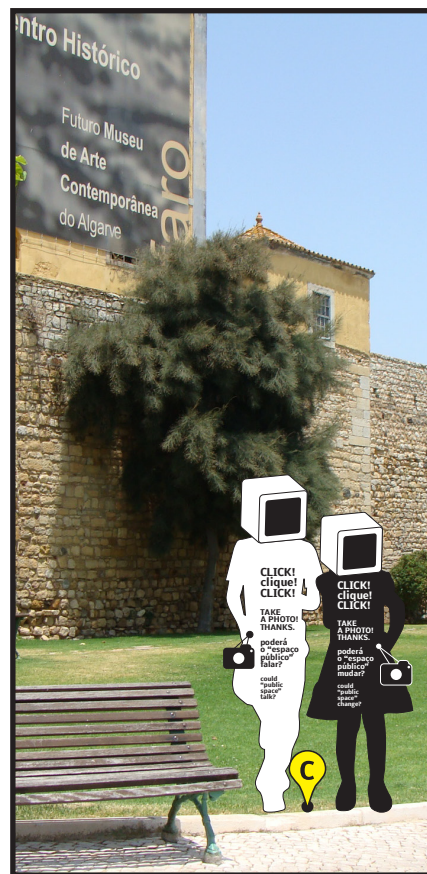
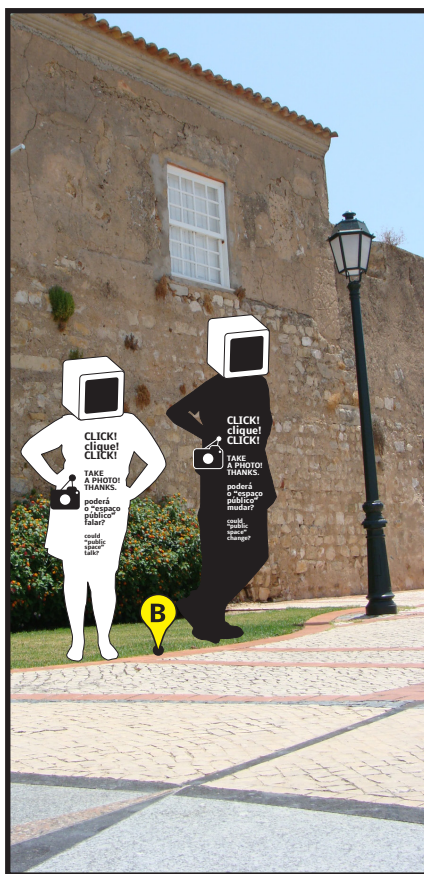
DATA DA INTERVENÇÃO NA CIDADE

DIA: **27, 28 e 29**

MÊS: **JULHO**

ANO: **2011**

TEMPO DE EXPOSIÇÃO **3 DIAS**



**PONTOS DE INTERVENÇÃO/LOCALIZAÇÃO**

- A. ENTRADA OESTE
- B. CAIS/ ENTRADA DA PORTA NOVA
- C. ENTRADA ESTE

A escolha dos pontos de localização teve como objectivo levar o público transeunte a contornar o exterior da muralha que envolve o centro histórico.

## Anexo 2

Apresentação das peças gráficas:

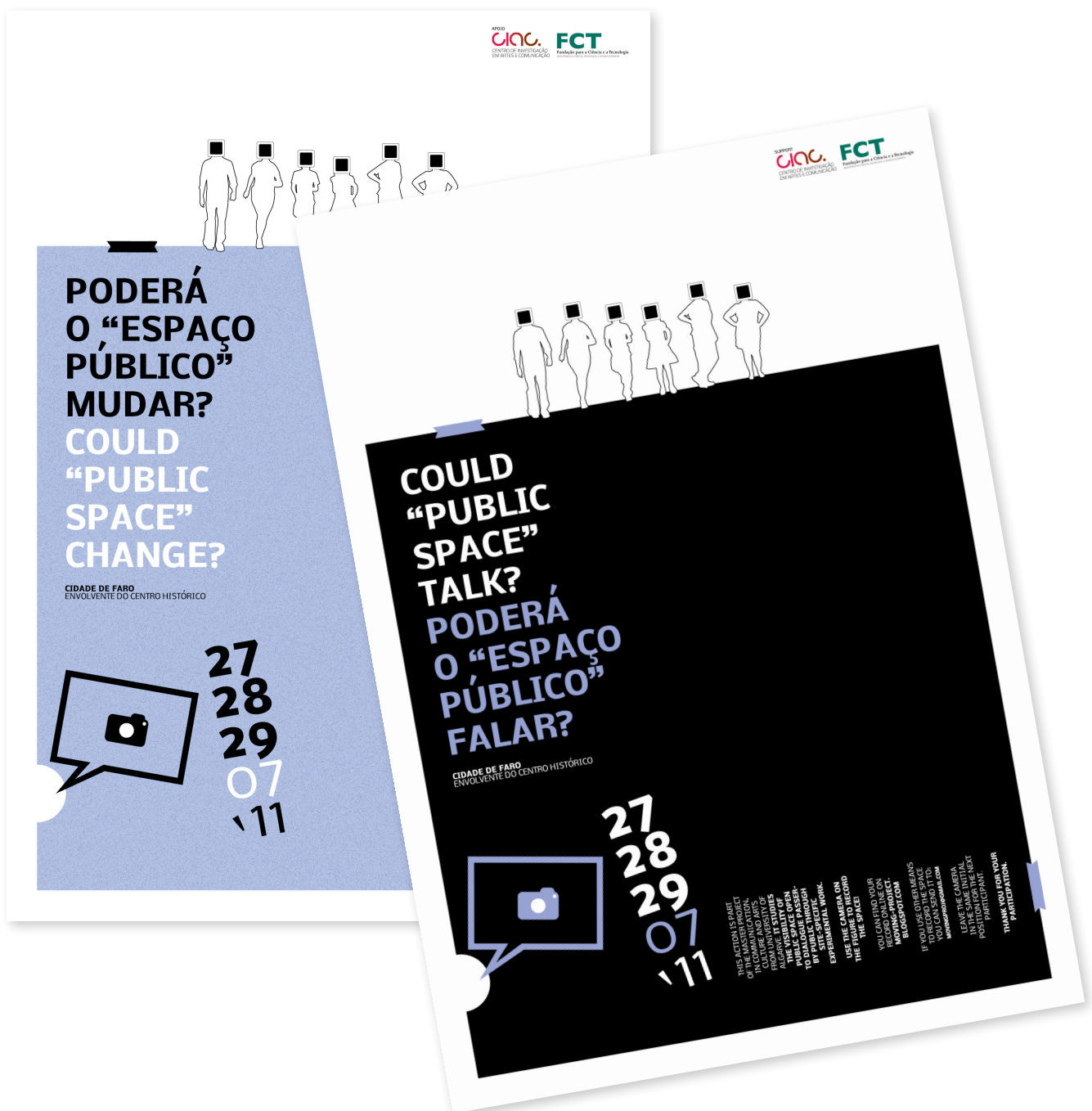
CARTAZ / **divulgação** do projecto artístico.

FLYER / **divulgação** do projecto artístico.

BLOG <http://moving-project.blogspot.com/>

FACEBOOK <https://www.facebook.com/pages/Moving-Project/217033694981857>

E-MAIL [movingproj@gmail.com](mailto:movingproj@gmail.com)



COM AUXÍLIO DA MÁQUINA  
FOTOGRAFICA DA FIGURA,  
REGISTE O **ESPAÇO**

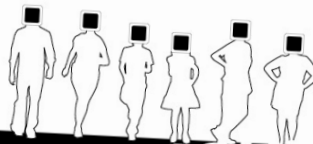
PODERÁ VER O SEU REGISTO  
ONLINE  
**MOVING-PROJECT.BLOGSPOT.COM**

CASO TENHA USADO  
OUTRO MEIO DE FOTOGRAFIA  
FOTOGRAFICO POR FAVOR  
ENVIAR O RESULTADO  
**MOVINGPROJ@GMAIL.COM**

...QUE A MÁQUINA

USE THE CAMERA ON THE  
FIGURE TO RECORD THE  
**SPACE!**

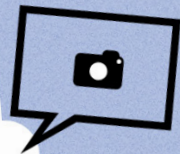
YOU CAN FIND YOUR RECORD  
ONLINE ON  
**MOVING-PROJECT.BLOGSPOT.COM**



**PODERÁ  
O "ESPAÇO  
PÚBLICO"  
MUDAR?**

**27  
28  
29** **COULD  
"PUBLIC  
SPACE"  
CHANGE?**

**07  
'11**



**CIDADE DE FARO  
ENVOLVENTE DO CENTRO HISTÓRICO**

**COULD  
"PUBLIC  
SPACE"  
TALK?**

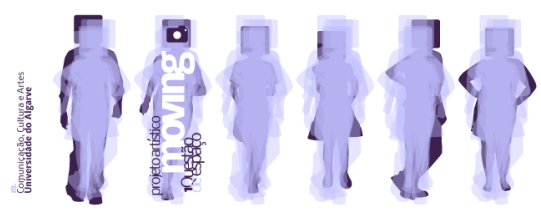
**27  
28  
29** **PODERÁ  
O "ESPAÇO  
PÚBLICO"  
FALAR?**

**07  
'11**

**CIDADE DE FARO  
ENVOLVENTE DO CENTRO HISTÓRICO**

Safari Ficheiro Edição Visualização Histórico Marcadores Janela Ajuda  
moving: Maio 2011  
http://moving-project.blogspot.com/2011\_05\_01\_archive.html RSS Google

Partilhar Denunciar abuso Blogue seguinte» Criar blogue Iniciar sessão




A Intervenção

A intervenção artística "moving 1 Questão de Espaço - *diálogo da intervenção artística site-specific com a cidade e o público*" é o resultado do projecto/ dissertação do mestrado de Comunicação, Cultura e Artes (Estudos da Imagem) da Universidade do Algarve.

Este espaço servirá como meio para a exposição dos resultados da 2ª parte do projecto - a prática artística.

O projecto propõe seleccionar uma área de intervenção, a exemplo da cidade contemporânea, Faro, através dos locais de situações transitivas que possibilitam uma dinâmica com o público. A cidade é vista como lugar expositivo a céu aberto, onde a rua é o espaço que nos apresenta a possibilidade de encontrar um olhar não familiarizado com os códigos utilizados pela arte contemporânea: o olhar do transeunte - aquele que passa.


O transeunte torna-se, cada vez mais, indiferente perante as mensagens diárias que encontra na rua, "moving 1 Questão de Espaço - *diálogo da intervenção artística site-specific com a cidade e o público*" cria a possibilidade e chama a atenção para o cenário da cidade, ao (re)ver o espaço por onde circula diariamente, com auxílio de vários interfaces, o olhar, seguidamente o uso do enquadramento fotográfico, que capta o seu registo individual e personalizado para posteriormente ser visto *online*, onde poderá ser (re)visitado.

Publicada por celtalpmad  0

Etiquetas: intervenção

O projecto

O projecto "MOVING 1 Questão de espaço" insere-se no mestrado de Comunicação, Cultura e Artes da Universidade do Algarve e tem como objectivo o estudo da visibilidade e interação do espaço público integrado no conceito da cidade, um espaço de exposição e diálogo com o público transeunte, através do trabalho experimental, *site-specific*.

Publicada por celtalpmad  0

Safari Ficheiro Edição Visualização Histórico Marcadores Janela Ajuda

https://www.facebook.com/pages/Moving-Project/217033694981857

facebook

### Moving Project

Artist - Faro, Portugal · Edit info

Admins (1) · See all

Use Facebook as Moving Project

Notifications

Promote with an advert

View Insights

Invite friends

You and Moving Project

77 friends like this.

Quick tips

Get more people to like your page with Facebook Adverts today!

Sample Advert: Moving Project

Your advert text here.

Like - Celia Palma likes this.

Get more fans

Sponsored story

See all

Virgolino Almeida and Felipa Cruz like ActivoBank.

ActivoBank

Like

Sponsored

Create an advert

Make €85+ per night!

airbnb.com

Earn extra income by renting out your place short-term to Motorcycle enthusiasts. Learn more at airbnb.com

Chat (13)

Wall

Hidden posts

Info

Photos

EDIT

87 like this

Subscribe via RSS

Unlike

Share

Write something...

Share: Status Photo Link Video Question

Moving Project

Poderá o "espaço público" falar? Procure o resultado em: <http://moving-project.blogspot.com/>

moving-project.blogspot.com

182 Impressions · 1.10% feedback

Like · Comment · Share · 05 August at 18:46

2 people like this.

Write a comment...

Moving Project

Obrigada a todos pela vossa participação, a qual foi essencial para a construção do diálogo criativo. Poderão ver as imagens (em falta) resultantes desta experiência a partir do dia 05 agosto '11.

"Thank you all for your participation, which was essential for the construction of creative dialogue. You can see the images (missing) resulting from this experiment on 05 August '11."

thanks :)

366 Impressions · 0.82% feedback

Like · Comment · 01 August at 20:58

Ana Graça likes this.

Ana Graça que o resto do trabalho corra bem :)

01 August at 21:59 · Unlike · 1 person

Hugo Costa Marques Tenho acompanhado o projecto e espero ver mais resultados em breve. A ideia de dinamizar o centro histórico parece muito interessante. Espero que o projecto tenha correspondido às tuas expectativas! Bom trabalho!@vargues

02 August at 21:55 · Unlike · 1 person

Write a comment...



